

## **Irmãos Roberto, fenômeno ou continuidade?**

Autor: LUIZ FELIPE MACHADO COELHO DE SOUZA

Formação: Arquiteto, Mestre em Arquitetura pelo Proarq

Doutor em História da Arquitetura pela Université Paris 1 – Panthéon Sorbonne

Filiação: Professor Adjunto da Universidade Federal Fluminense (UFF)

Endereço: Rua Pires de Almeida 65 ap. 201 – Laranjeiras – Rio de Janeiro – RJ – Cep 22.240-150

Tel: (21) 2556 2236/(21) 9918 1309

E-mail: [lfipe@terra.com.br](mailto:lfipe@terra.com.br)

## **Irmãos Roberto, fenômeno ou continuidade?**

A história da arquitetura moderna no Brasil é contada, de maneira geral, a partir da interpretação de um elenco de fatos considerados principais, cujas escolhas remontam às publicações internacionais do início da década de 1940. A repetição sistemática dessa narrativa, seguramente até a década de 1980, acabou por sedimentar uma compreensão distorcida desta expressão.

A origem e o desenvolvimento do movimento moderno no Brasil encontram-se ligados a fatos ocorridos na cidade do Rio de Janeiro. A narrativa dominante da história do movimento moderno, baseada na repetição viciada de fenômenos eleitos pelas publicações internacionais, sem explicações plausíveis sobre origens e motivos, impede o desenvolvimento de teorias contemporâneas que possam auxiliar na retomada de uma prática artificialmente interrompida.

As produções de arquitetura e de urbanismo, no Brasil atual, embora dispondo de investimentos financeiros maiores do que os das décadas 1930, 1940 e 1950, não lhes são comparáveis em termos qualitativos. Tal realidade, decorrente da falta de orientações teóricas adequadas, aponta para a necessidade de novas investigações, como, de certa forma, já se percebe surgir. O questionamento de uma suposta trama historiográfica, presente na argumentação de alguns autores brasileiros contemporâneos, permite prever a aproximação de um novo entendimento do passado recente, revisão de conceitos que possa promover o desenvolvimento teórico desejado.

A arquitetura produzida no Rio de Janeiro, a partir de meados da década de 1930, vem sendo descrita e interpretada com especial atenção aos exemplos fenomenais. Por outro lado, a filiação dos arquitetos cariocas à catequese corbusiana é repetitiva, dotando-os de dependência estrangeira. Menosprezam-se o valor da capacidade construtiva, da adaptação técnica de profissionais construtores e da habilidade e da arte dos jovens arquitetos locais.

Questiono a forma de interpretação vigente da gênese, do estabelecimento, do auge e do declínio do movimento de arquitetura moderna no Rio de Janeiro. Seria possível considerar a continuidade como uma melhor explicação para o conjunto da obra, continuidade, baseada no saber construir, no saber adaptar as técnicas evoluídas à realidade tropical e no fazer artístico brasileiro? Relativizando-se a importância dos exemplos fenomenais, e da contribuição estrangeira na gênese do movimento, ter-se-ia encontrado um outro sentido e, conseqüentemente, o trilho de uma outra teoria?

O estudo da obra dos irmãos Roberto comprova a tese da continuidade e da autonomia de pensamento perante as principais correntes teóricas da época. Mais do que de exemplos fenomenais, a produção do escritório dispõe de uma impressionante quantidade de realizações de qualidade, pouco divulgada e estudada. Dentre as lacunas existentes na literatura da arquitetura produzida no Brasil, verifica-se a ausência de um trabalho aprofundado da obra dos irmãos Roberto.

Este trabalho apresenta a produção arquitetônica e urbanística oriundas de uma organização profissional exemplar, fatos suficientemente eloqüentes para comprovar as virtudes da continuidade do saber construir e para questionar a tese vigente do fenômeno.

Palavras-chave: Irmãos Roberto / arquitetura moderna / Rio de Janeiro.

# **Irmãos Roberto: fenômeno ou continuidade?**

## **Introdução**

O estudo cauteloso das trajetórias profissionais dos irmãos Roberto e da organização criada por eles, que perdurou por mais de seis décadas, permite afirmar que a produção decorrente de um trabalho ininterrupto deve ser compreendida pelo conhecimento e pela capacidade de adaptação à realidade tropical brasileira de novas teorias formuladas em solo europeu. A realização dessa tarefa tornou-se possível graças a atração pelo novo por parte na sociedade brasileira, bem como a capacidade de realização de tarefas intelectuais e práticas, necessária à disciplina da arquitetura por parte dessa sociedade.

Melhor do que considerar as virtudes presentes na obra dos Roberto como conseqüência de um mero fenômeno, acredito contrariamente que são conseqüência de trabalho permanente e consistente, uma relação de solidariedade entre arquitetos e colaboradores. Ela somente se realiza pela existência de um saber construir, no caso brasileiro, herança portuguesa.

No Brasil, o saber construir resulta de um legado colonial, pela transmissão de conhecimentos empíricos dos antigos mestres das construções naval, religiosa, civil e militar, e pelo ensino formal implantado ao final do século XVIII, com a Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho. Por outro lado, a formação acadêmica dos arquitetos teve origem no início do século XIX, no Rio de Janeiro, na Escola nacional de Belas Artes, EnBA, quando começou a operar o primeiro curso de arquitetura nas Américas.

O relativo atraso do parque industrial brasileiro, comparativamente aos centros mais desenvolvidos, não representou maiores dificuldades para a área da construção civil. A facilidade de adaptação de técnicas, uma herança também portuguesa, permitiu o desenvolvimento do cálculo do concreto armado, a técnica construtiva mais utilizada no país, para a estrutura independente dos edifícios, pressuposto teórico daquela nova arquitetura. Técnicas complementares da construção de edifícios já eram amplamente dominadas no Brasil como, por exemplo, a marcenaria, a serralheria e a alvenaria, atividades que contavam com boas indústrias e com bons profissionais.

## **Teoria e prática profissionais**

Embora sejam conhecidos alguns artigos escritos pelos Roberto, o maior número de autoria de Marcelo, pode-se afirmar que eles não se dedicaram intensamente a escrever. Valorizaram e dedicaram-se principalmente à organização do escritório, aos projetos de arquitetura e de urbanismo, bem como ao controle do canteiro de obra, para que fossem atingidos altos padrões construtivos. A justa valorização do legado profissional do escritório é, portanto, dificultada pela

raridade de textos, embora seja facilitada pela extensão e pela qualidade de projetos e da obra realizada.

A recusa à teorização pode ser verificada nas palavras de Milton, no ano de 1952, ele então presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, em carta à revista francesa *L'Architecture d'Aujourd'hui*,: "(...) continuamos a não procurar literalizações para arquitetura (...). Concentramo-nos exclusivamente no que fazemos. Experimentamos, observamos o que deu bem, o que deu mal, porém calados (...)"<sup>1</sup>, e mais, "Mesmo entre colegas, não conversamos arquitetura. Quando nos encontramos, o que não acontece com frequência, falamos de mulheres, de esportes, trocamos anedotas. Voltamos cada um para o seu escritório, para a sua experiência."<sup>2</sup> Observa-se a seriedade na resolução dos problemas presentes e a aflição com a então considerada perda de tempo com a escrita de textos, possivelmente úteis para a formulação teórica.

No início de sua carreira, Marcelo ainda procurava escrever. Em 1937, afirmava: a arquitetura é o resultado de *solidariedade*; a ciência se ocupa em construir seu templo como fizera a Igreja, na época das catedrais; os arquitetos modernos devem repetir os feitos dos *mestres* das catedrais, baseando-se em *novas técnicas*.<sup>3</sup>

Observo a preocupação com a organização das ações profissionais desde cedo. De acordo com Marcelo, o arquiteto não deveria agir isoladamente. A eficiência do escritório seria obtida pela ação *solidária* entre os diversos agentes da empreitada. O arquiteto deveria estar no comando das ações, na defesa dos interesses do cliente, transformando os desígnios do projeto em fatos construídos qualificados, através do emprego organizado e eficiente de *novas técnicas* empregadas então pelas mãos de *especialistas*.

Três anos mais tarde, Marcelo, convidado pelo Diretório Acadêmico da EnBA, em conferência intitulada "Arquitetura e a luta pela vida", dizia que ser moderno era, conhecendo a história, partir do ponto de onde outros chegaram; o arquiteto devia aprender o *metier*, dominar a rotina do escritório e da obra, observar os *especialistas* e saber coordená-los; saber trabalhar em equipe, pois a colaboração estreita simplificava; olhar de forma larga pois a arquitetura era a síntese ritmada que comportava questões além do campo da edificação. 4

Além da insistência no tema da organização profissional, sublinho dois outros aspectos do discurso de Marcelo: a crença na continuidade, vista a importância imputada ao saber transmitido pelos antepassados nas áreas diversas do conhecimento tocante à disciplina, e a noção de que a arquitetura não se limitava ao campo da edificação, sendo mais abrangente, como pode verificar em diversos outros escritos futuros. Ela estava relacionada aos diversos aspectos tocantes à vida em sociedade, obrigando portanto a destinar-se ao urbanismo.

---

<sup>1</sup> Carta escrita por Milton Roberto para revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, em 1 de julho de 1952, P. 1, (documento de arquivo).

<sup>2</sup> Carta escrita por Milton Roberto para revista *L'Architecture d'Aujourd'hui*, em 1 de julho de 1952, P. 2, (documento de arquivo).

<sup>3</sup> ROBERTO, Marcelo, Está acabando a incompreensão, *Arquitetura e Urbanismo*, Rio de Janeiro, IAB, n.6, nov-dez 1937, p.323.

<sup>4</sup> ROBERTO, Marcelo, *Arquitetura e a luta pela vida*. Conferência proferida na Escola Nacional de Belas Artes, da série organizada pelo Diretório Acadêmico da ENBA, 1940, (documento de arquivo).

De outra forma, posso afirmar que a atitude profissional considerada comum aos três irmãos arquitetos, é a da presença diuturna e intensa no escritório, resolvendo, de maneira eficiente e inventiva, os problemas relacionados ao *metier*, dentro do negócio familiar iniciado por Marcelo.

## Individualidades

Os arquitetos irmãos Roberto são filhos do casal Roberto Otto Baptista e Turíbia Dória Baptista. O casal goza de boa situação financeira, mora em casa própria, na avenida Nossa Senhora de Copacabana, Posto Seis. O casal tem quatro filhos: Marcelo, Milton, Margarida e Maurício.

Os Dória Batista convivem com a alta sociedade carioca; freqüentam o Country Clube e a Sociedade Hípica Brasileira, clubes de grupos privilegiados e influentes. O círculo de parentesco e de amizades forma um grupo que, apesar das diferenças, é interessado em investir na construção de ambientes modernos. De acordo com Hélio Brasil, "*Suas ligações familiares situam-se em uma faixa propícia às conquistas da época: status, alto padrão de moradia, casas de campo, etc. É uma sociedade ansiosa para se identificar com o novo.*"<sup>5</sup>

No ano de 1927, morre Roberto Otto Baptista. Seu primogênito, Marcelo, então aos dezenove anos de idade, torna-se o principal responsável pelo sustento da família. Em homenagem ao pai, Marcelo adota o nome Roberto, exemplo depois seguido por seus dois irmãos mais jovens. Milton conta somente com treze anos de idade e Maurício, o caçula, com somente seis anos de idade.

A liderança de Marcelo (1908-1964) foi exercida no sentido de orientar as escolhas profissionais dos irmãos. A personalidade dominante do primogênito manifesta-se através de um comportamento dito extremado, aristocrático, arrogante, elitista, independente de sua condição profissional. Marcelo é verdadeiramente um arquiteto ligado às grandes idéias. O comportamento extremado deve-se, principalmente, à característica exigente de uma inteligência brilhante, e ao alto grau de instrução derivado de uma enorme carga de leitura.

Os comportamentos de Milton (1914-1953) e de Maurício (1921-1996), comparando-os com o de Marcelo, podem ser considerados discretos.

Milton era um indivíduo recatado, sendo a ele imputada a figura do arquiteto de prancheta por excelência. Embora não sejam encontradas afirmativas explícitas sobre sua atuação profissional no ambiente das associações, creio que a principal virtude e a maior contribuição de Milton, relacionaram-se com a resolução dos problemas arquitetônicos surgidos ao longo do desenvolvimento e do detalhamento dos projetos. A morte prematura de Milton criou marcas de inflexão sintomáticas na produção dos Roberto.

A Maurício, imputo a virtude de uma persistência laboriosa, responsável pela longevidade do

---

<sup>5</sup> SILVA, Hélio Brasil Corrêa da, *Talento, audácia e juventude (Arquitetura moderna carioca 1930-1960). Como se explica a extraordinária quantidade de obras arquitetônicas realizadas no modernismo (período de 1930 a 1945) carioca e nelas a participação de arquitetos tão jovens.*, jul. 2000, (documento de arquivo).

escritório. A chefia herdada com a morte de Marcelo, em 1964, determina a ele um isolamento de mais de trinta anos, até sua morte, em 1996. A herança recebida do escritório, uma pasta enorme de clientes e de contratos, e a inércia de um movimento iniciado em 1936, permite a ele manter a família unida às custas de grande esforço. Se ainda não bastasse essa carga, Maurício vê a profissão afastar-se gradativamente dos desígnios pretendidos por Marcelo, por problemas políticos e por sucessivas crises econômicas.

### **A organização profissional do escritório**

O modelo de organização adotado pelos Roberto afasta-se tanto do escritório como um ateliê, no qual o arquiteto assume a figura do gênio criador, como do modelo norte-americano, das grandes empresas normatizadas. Os Roberto buscaram organizar o espaço do trabalho de tal forma a corresponderem de maneira eficiente às exigências da profissão, pelo hábito regular do trabalho e pelo tratamento particular dado a cada projeto. O pensamento dos Roberto, nos campos da arquitetura e do urbanismo, concretizou-se em obra regular, constante e evolutiva, baseada em pesquisas permanentes nas áreas da arte e da ciência, sendo a atenção ao meio imediato uma constante. Identifico uma característica importante da obra dos Roberto: coerência na diversidade.

Em relação às denominações do escritório, os Roberto adotaram, entre 1935 e 1996, três marcas distintas surgindo como MM Roberto Arquitetos através da associação entre Marcelo e Milton. Em 1941, com o ingresso formal de Maurício na equipe, este ainda estudante, adotaram o nome de MMM Roberto Arquitetos, marca que ficou inalterada mesmo depois da morte de Milton, em 1953. Após 1964, ano do falecimento de Marcelo, Maurício adotou a denominação M Roberto Empreendimentos de Arquitetura Ltda, empresa hoje presidida por Márcio Roberto. Em 1972, como tentativa de atingir, em consórcio com outras empresas brasileiras, mercados internacionais, Maurício criou a M Roberto Arquitetos S.A., empresa de curta duração, pois seus resultados não corresponderam às suas expectativas.

Na literatura pesquisada, há poucas informações a respeito dos ambientes de trabalho, endereços, características dos imóveis ocupados e suas instalações. Da mesma forma, há poucas notícias sobre o relacionamento entre os irmãos no ambiente de trabalho e sobre seus colaboradores diretos.

Os Roberto ocuparam imóveis alugados para a instalação de seus escritórios até quando, em 1970, Maurício comprou uma casa na rua Visconde Silva 9, em Botafogo, para ali instalar a nova sede. Ele estava sendo obrigado a mudar-se novamente, pois a casa da rua Dona Mariana, onde se instalara havia dois anos, fora posta à venda. A obra para a instalação do novo escritório foi radical, as novas instalações chamavam atenção pela ousadia do investimento em uma época de incertezas políticas e econômicas. Era considerado o escritório de arquitetura e de urbanismo mais bem aparelhado da cidade. Provavelmente também do país, o que bem situa a importância

relativa da organização criada pelos irmãos e o que permite afirmar que Maurício acreditava, ao início da década de 1970, na validade do empreendimento para dar continuidade à uma obra já então consagrada.

O percurso de ascensão e de queda da empresa dos Roberto pode ser representado por uma curva construída a partir das dimensões, do aparelhamento e das equipes formadas nos diversos endereços, curva ascendente até a década de 1970. O endereço da Visconde Silva conheceu assim apogeu e o declínio da empresa Roberto.

Anteriormente à criação de MM Roberto, Marcelo associara-se a um conhecido construtor carioca, J. Santos, para a realização de casas e de pequenos edifícios projetados ou não por ele. Marcelo contrariava nessa época, sua natureza, ao tornar-se um construtor, já sendo auxiliado nesse trabalho por seu irmão Milton, desde 1934. Segundo Marcelo Roberto, o anteprojeto para o concurso da ABI, foi desenhado fora do horário normal de trabalho e em uma sala menor que dez metros quadrados. O prêmio obtido com a vitória no concurso permitiu-lhes uma certa independência econômica e meios para se organizarem e para se dedicarem exclusivamente ao desenvolvimento desse projeto e à profissão<sup>6</sup>. Assim, os irmãos afastaram-se dos canteiros de obra para se dedicarem mais à prancheta, mesmo que, por seus entendimentos profissionais, o arquiteto devesse exercer o domínio completo da obra.

Pelos contratos de envergadura do início da carreira, a ABI, o Aeroporto Santos Dumont, o Instituto Resseguros do Brasil, supõe-se a necessidade dos Roberto formarem uma equipe de auxiliares em um curto espaço de tempo. Por outro lado, no entendimento da profissão, a responsabilidade em todo o processo da construção conduziu-os à formação de equipes compostas por engenheiros e por outros especialistas. Era preciso controlar os destinos tanto do projeto como da obra. Tratava-se de um postura de afirmação profissional, uma luta declarada repetidas vezes por Marcelo, na qual o arquiteto deveria retomar o papel do mestre das catedrais.

No início da década de 1950, os Roberto experimentam a criação de uma divisão de engenharia no interior do escritório, iniciativa que não se afirmou. A enorme quantidade de encomendas sucessivas tornou difícil a realização desse ideal dentro de uma estrutura profissional ainda pequena. Entretanto, resultante dessa experiência, afirmou-se o bom relacionamento dos arquitetos com seus colegas engenheiros e especialistas, e com as firmas construtoras que, certamente até fins da década de 1960, respeitavam as orientações dos arquitetos na execução da obra. Como consequência, os bons resultados refletiram na aceitação por parte da opinião pública das primeiras realizações do escritório, fato importante para convencer novos clientes da importância de serem aceitas as condições dispostas nos projetos de arquitetura.

A noção de abrangência profissional dos Roberto não se limitava às questões relacionadas com a construção civil. Fazia parte do discurso dos Roberto a afirmação de que a arquitetura se

---

<sup>6</sup> BRITTO, Alfredo, O espírito carioca na arquitetura. MMM Roberto, *AU – Arquitetura e Urbanismo*, Documento, São Paulo, Pini, n.52, fev./mars 1994, p. 68-69.

destinava ao urbanismo. Assim, verifica-se na atuação profissional dos Roberto, desde fins da década de 1930, a preocupação em se lançarem também nos caminhos do urbanismo, criando espaços para uma organização paralela à atividade primeira, projeto de edifícios.

Embora as primeiras incursões no domínio do urbanismo datem de 1938, com o Plano de Diretrizes para a Região de Niterói, é com o projeto para a região de Cabo Frio-Búzios, de 1955, que se torna nítido o interesse de escritório por essa área específica, interesse confirmado com a participação no concurso para o plano piloto de Brasília.

Nota-se, a partir de então, que a organização original foi se modificando gradativamente; a atividade profissional arquitetônica passou a conviver no escritório com a urbanística, exigindo a criação de maiores espaços para a atividade que lidava com desenhos de grandes dimensões, e que exigia procedimentos de pesquisa demandando equipes numerosas. O endereço da rua do Ouvidor, ocupado entre 1951 e 1968, contando com somente 50 m<sup>2</sup> destinados ao desenho, já se tornara reduzido. Nos meses de trabalho para o plano de Brasília, em 1956, toda a equipe transferiu-se provisoriamente para um outro endereço, próximo e maior, para poder abrigar uma enorme empreitada. Assim, nos endereços seguintes, rua Dona Mariana e rua Visconde Silva, entre 1968 e 1988, os escritórios foram organizados com a nítida separação espacial entre as duas atividades, arquitetura e urbanismo.

## **Os colaboradores**

Observa-se a tendência dos Roberto em manter seus auxiliares e suas parcerias na formação das equipes de trabalho. A intenção de constituir quadros permanentes para a atuação nas áreas da construção civil e do urbanismo não se concretizou da mesma maneira como na área de projetos de edificações. Para a atividade principal do escritório, elaboração de projetos de arquitetura, os Roberto compuseram equipes internas e permanentes. O grande volume de projetos de edificações contratados nas três primeiras décadas do escritório, não correspondeu à formação de uma equipe interna nas mesmas bases, naquelas duas outras áreas.

O nome Roberto já gozava, seguramente desde o início da década de 1940, de grande reputação nos meios profissionais brasileiros. Depois das primeiras publicações em revistas estrangeiras e da exposição e da publicação do catálogo *Brazil Builds*, nas quais suas primeiras realizações apareceram em evidência, a reputação dos Roberto alcançou também os meios profissionais internacionais. A procura por um posto de trabalho entre os Roberto acentuou-se progressivamente a ponto de, a partir da década de 1950, serem obrigados a organizar listas de espera para os candidatos a estágio, e a limitar o tempo de permanência dos estagiários a no máximo três meses. A procura por postos de trabalho entre os Roberto por parte de estudantes de arquitetura e de jovens arquitetos era enorme, sendo muitos deles de origem estrangeira.

Entretanto, a organização profissional não se sustentava exclusivamente da prestação de serviços



de parceiros profissionais e de estagiários. Um grupo de auxiliares diretos era encarregado de cumprir as tarefas básicas. A constituição desse grupo deu-se principalmente pela escolha de antigos companheiros.

Antônio Augusto Dias, arquiteto, colega de turma de Maurício Roberto, encarregava-se do desenvolvimento dos projetos arquitetônicos, de seus detalhamentos e de suas compatibilizações com os projetos complementares, principalmente os de cálculo estrutural e os de instalações prediais. Dias ocupava-se também do acompanhamento à execução das obras. A confiança em seu trabalho era tão grande que os Roberto o promoveram a arquiteto associado. Dias trabalhou com os irmãos Roberto desde 1941 até o início da década de 1970.

José Baesso, antigo colega de colégio de Marcelo Roberto era também seu amigo fiel. Sem formação superior, Baesso cuidava da gerência geral do escritório, das operações financeiras e de seu funcionamento diário, a partir de seu posto de trabalho junto à entrada da sala de Marcelo. Baesso trabalhou com os Roberto desde o início, desligando-se somente na década de 1990.

Antônio Gonçalves, mestre de obras, trabalhou com Marcelo desde o início da década de 1930, anteriormente mesmo à primeira associação com Milton. Gonçalves atuava no acompanhamento da execução das obras, resolvendo os primeiros problemas e relatando aos irmãos as principais dificuldades encontradas. Antônio Gonçalves permaneceu entre os Roberto até a segunda metade da década de 1960.

Élida Hengert ingressou nos Roberto como estagiária tornando-se depois figura principal, o braço direito dos irmãos, principalmente de Milton e de Maurício na área do projeto de arquitetura. A importância do trabalho de Élida aumentou significativamente após a morte de Milton, tornando-se auxiliar de Maurício. Dentre os auxiliares diretos do escritório, Élida Hengert registrou o maior tempo de permanência, desde o início da década de 1940 até o final da década de 1990.

Munira Nahid ingressou no escritório como desenhista, desempenhando depois diversas funções. Seu exemplo demonstra a confiança depositada em alguém desconhecido e que se dedicou com entusiasmo ao trabalho. Nahid tornou-se orientava os estagiários, organizava os arquivos, e publicações e os currículos. Ingressou no escritório no início da década de 1950, permanecendo até o fim da década de 1990.

Valdemar Lício de Jesus, um desenhista que progrediu no escritório, acompanhava os passos de Antônio Augusto Dias no desenvolvimento dos desenhos, tornando-se capaz, pelo conhecimento adquirido, de resolver os problemas legais e construtivos dos projetos. Ingressou no escritório no final da década de 1940, permanecendo até os dias atuais.

Entre estagiários e arquitetos, nota-se um grande número de estrangeiros búlgaros, poloneses, gregos, alemães, portugueses, suíços, franceses, nigerianos mexicanos, argentinos e paraguaios. Essa diversidade de origens comprova o conhecimento, na época, nos meios acadêmicos estrangeiros, da obra escritório.

## Arquitetura e engenharia

As primeiras realizações do escritório foram relacionadas com a área da edificação. Dentre as primeiras iniciativas para a organização e o crescimento do escritório era a tentativa da criação de uma Divisão de Engenharia, comandada diretamente pelo citado arquiteto Antônio Augusto Dias. Como essa iniciativa não se concretizou da forma pretendida, os Roberto passaram a estabelecer parcerias com profissionais autônomos, com firmas de engenharia e com empresas incorporadoras.

Como já dito, os Roberto esforçaram-se em manter o controle rígido da obra. Para tal, era necessário convencer os clientes de alterar a rotina vigente, as empresas construtoras responsáveis pela execução da obra. Essa rotina, já explicada por Marcelo e Milton, em 1936, ao presidente da ABI, Herbert Moses<sup>7</sup>, comportava a figura do chamados “engenheiros fiscais” que, não tendo “afinidade espiritual” com o projeto, alteravam suas características, criando dificuldades para os novos métodos construtivos idealizados<sup>8</sup>. Nesse sentido, Marcelo e Milton argumentavam que as obras incomuns exigiam por parte de seus autores, os arquitetos, os detalhes e as especificações até suas minúcias, no sentido de se preservar a unidade indispensável para as obras consideradas como de arte. Ainda no caso da ABI, os Roberto argumentavam que somente eles seriam capazes de orientar todas as etapas da construção, coordenando os especialistas, acompanhando e aconselhando as etapas de serviço. Dessa forma, Marcelo e Milton recomendavam que o processo de construção fosse feito através de empreitadas parciais e de compras diretas de equipamentos, no sentido de que a obra fosse orientada por interesses superiores aos simples interesses dos lucros financeiros<sup>9</sup>.

A argumentação dos Roberto em relação ao processo de construção teve dupla finalidade: garantir observância fiel aos seus projetos e conquistar um novo mercado de trabalho, até então amplamente dominado pelos engenheiros civis. Essa questão esteve diretamente ligada à luta dos arquitetos, seguramente desde a criação do IAB, em 1921, pelo reconhecimento da profissão.

Deve-se considerar a eficiência dos Roberto no convencimento de seus clientes, tomando-se por base a seqüência de obras realizadas, nas quais os registros escritos evidenciam o reconhecimento por parte dos arquitetos dos bons serviços prestados pelos especialistas. Essa evidência confirmou-se na entrevista de Marcelo Roberto ao *Jornal do Brasil*, em 1956, onde ele afirmou que, naquela época, já não mais havia rivalidades entre engenheiros e arquitetos no Brasil, como havia vinte anos atrás. Naquela época (1936), os engenheiros civis julgavam-se politécnicos e acreditavam ser a arquitetura um simples ramo da engenharia. Na atualidade

---

<sup>7</sup> Herbert Moses, presidente da ABI entre 1931 e 1964.

<sup>8</sup> Carta de Marcelo Roberto e Milton Roberto ao presidente da ABI, Herbert Moses, em 22/7/1936, Associação Brasileira de Imprensa, *Arquitetura e Urbanismo*, Rio de Janeiro, IAB, n. 5-6, set. /dez. 1940, p. 21.

<sup>9</sup> Carta de Marcelo Roberto e Milton Roberto ao presidente da ABI, Herbert Moses, em 18/6/1936, Associação Brasileira de Imprensa, *Arquitetura e Urbanismo*, Rio de Janeiro, IAB, n. 5-6, set. /dez. 1940, p. 21.

(1956), os engenheiros estruturais e de instalações sabiam que eram monotécnicos. Assim, tornaram-se amigos e colaboradores dos arquitetos<sup>10</sup>.

## **Relações profissionais**

Embora a marca MMM pudesse insinuar a igualdade, a hierarquia profissional entre os Roberto era definida, Marcelo no posto mais alto e Milton, e depois Maurício, acatando respeitosa e harmoniosamente as orientações do primogênito. A hierarquia refletia-se na organização espacial, Milton e Maurício ocupando a sala de desenhos e Marcelo uma sala à parte na qual os três se reuniam para resolver questões gerais que ele regularmente trazia alinhavadas de casa. Cabia a Milton e a Maurício, auxiliados pela já citada Élide Engert, o desenvolvimento dos projetos, cabia a Antônio Augusto Dias, subordinado a Milton e a Maurício, a tarefa de compatibilizar projetos de arquitetura com complementares, e o trato direto com os responsáveis pelos serviços de execução de obras.

O engenheiro Paulo da Rocha Fragoso foi o principal responsável pelos projetos estruturais, desde o projeto da ABI, até o início dos anos 1950. A contratação do engenheiro Arézio Fonseca Nascimento buscava a já referida Divisão de Engenharia. Nesta ocasião, esse engenheiro era auxiliado pelo estudante Agostinho Camargo da Silva Filho e que se tornaria, a partir da década de 1960, o principal calculista dos Roberto.

Quanto às instalações prediais, projetos principalmente de redes de água, de esgoto, de gás, de eletricidade e de telefonia, os nomes dos engenheiros Raul Vieitas e Maurício Sued devem ser lembrados. O primeiro atuou desde o início da constituição do escritório e o segundo desde o início da década de 1950. Maurício Sued chefiava um pequeno grupo de estudantes de engenharia e de arquitetura em seu próprio escritório, um exemplo da formação de uma equipe auxiliar sem vínculo empregatício.

Os serviços relacionados com o cálculo estrutural e com as instalações prediais encontraram o equilíbrio pela intermediação, garantindo aos Roberto o controle de qualidade dos projetos e aumentando o faturamento. Pela variedade de contratos do escritório, essa situação ideal conviveu com outros modelos de parceria, principalmente nos casos de empreendimentos de maior vulto ou relacionados com interesses específicos de empresas construtoras. Em certos casos, nos quais os profissionais responsáveis pelos projetos complementares eram impostos pelos clientes, a atuação profissional dos Roberto limitava-se e à compatibilização dos projetos e à supervisão da execução da obra. Dentre as empresas de engenharia que se relacionaram continuamente com os Roberto pode-se destacar Pires & Santos, responsável pela construção de, entre outros, o edifício Marquês do Herval e o conjunto de edifícios residenciais coletivos do Parque Guinle.

---

<sup>10</sup> ROBERTO, Marcelo, Entrevista de Marcelo Roberto ao Jornal do Brasil, 14/6/1956, (documento de arquivo). Publicada por AKIER, Mary, Arquitetura : função do tempo e do lugar, *Jornal do Brasil*, Segundo Caderno, Rio de Janeiro, Jornal do Brasil, 24/6/1956.

Ainda em relação às parcerias profissionais, Alfredo Ceschiatti, escultor, e Paulo Werneck, ceramista, podem ser considerados colaboradores constantes.

O paisagista Roberto Burle Marx também foi um parceiro permanente dos Roberto desde o início da constituição do escritório. Na extensa obra do paisagista, são anotadas as primeiras realizações de terraços-jardim em edifícios coletivos, ABI e IRB, bem como seu primeiro jardim público, a praça Salgado Filho, na entrada do aeroporto Santos Dumont, realizações do ano de 1938.

## Urbanismo

Relativamente ao urbanismo, os Roberto desenvolveram-se nessa área somente a partir de meados da década de 1950, sendo o projeto de Cabo Frio-Búzios fato marcante. Essa nova atividade exigiu a adaptação do escritório, a partir da década de 1960. No endereço da rua Dona Mariana, espaços com características próprias, com pranchetas maiores, passaram a ser notados. Após a morte de Marcelo, em 1964, o urbanismo passou a ocupar maiores atenções, a ponto de Maurício preterir programas arquitetônicos considerados de menor envergadura.

A teoria urbanística dos Roberto foi desenvolvida basicamente por Marcelo, tendo sido apresentada por ele nas conferências “As necessidades urgentes da arquitetura brasileira”, Rio de Janeiro, 1942, “Arquitetura, urbanismo e o muro das lamentações”, São Paulo, 1948, e “A interdependência entre arquitetura e urbanismo, Santos, 1960. Em seu discurso, Marcelo afirmava que a arquitetura destinava-se ao urbanismo, e que os problemas deveriam ser encarados de maneira “*grande*”. Nesse sentido, ele pregava a aproximação entre os arquitetos, os engenheiros, os industriais, os cientistas, os professores e os homens de negócio, a abolição das estimativas grosso modo e o pensar antes de realizar.

As parcerias profissionais relacionadas com a atividade do urbanismo foram constituídas no escritório a partir do projeto Cabo Frio-Búzios, ainda com Marcelo no comando das ações. O pensamento de Marcelo sobre as questões urbanísticas, exigiu dos Roberto assessorias de estudiosos nos assuntos tocantes principalmente ao meio ambiente e ao homem. Em 1956, ano do projeto do Plano Piloto de Brasília, Marcelo afirmava que os planos diretores regionais e urbanos deveriam assegurar populações estáveis em números compatíveis com os recursos naturais e com as atividades econômicas, deveriam proteger os mananciais, a fauna e a flora e deveriam preservar os valores regionais<sup>11</sup>. De acordo com Paulo Santos, uma idéia central teria norteado sempre as atividades profissionais dos Roberto: uma nova organização social que pudesse eliminar as falhas e as injustiças do tempo presente<sup>12</sup>.

Grande parte do arcabouço teórico dos Roberto deve-se a Paulo Novaes, economista por

---

<sup>11</sup> ROBERTO, Marcelo, Discurso em congresso de arquitetura, 10/9/1956, (documento de arquivo).

<sup>12</sup> SANTOS, Paulo F., Marcelo Roberto – II, *Arquitetura*, Rio de Janeiro, IAB-GB/Ed Artenova Ltda., n.38, p. 8, jun. 1965.

formação, mas verdadeiramente um sociólogo. No projeto Cabo Frio-Búzios, Novaes encarregou-se da organização econômica que deveria acompanhar a implantação do planejamento físico, que pretendia criar sustentação ao padrão de vida almejado para as comunidades tocadas<sup>13</sup>. Para os Roberto, tanto em arquitetura como em urbanismo, não havia lugar para improvisações e, nesse sentido, Novaes responsabilizava-se pelos modelos social e econômico de sustentação das propostas. Nota-se que a participação de Novaes não se limitou às atividades do urbanismo; a encomenda e a conceituação das escolas profissionalizantes do SENAI, projetadas pelos Roberto a partir de 1946, foram também de sua responsabilidade.

No tocante às questões ambientais, a preocupação dos Roberto direcionou-se no sentido de respeitar as características naturais das regiões e de incentivar as atividades agrícolas, pecuárias, comerciais, turísticas e industriais, tendo como finalidade o desenvolvimento econômico das comunidades em respeito ao ecossistema. As intervenções, sendo necessária para corrigir os descaminhos de um sistema de ocupação arcaico e nocivo, deveriam ter seus impactos inevitáveis minimizados, e convertidos em benefícios futuros. Fernando Segadas Vianna, engenheiro agrônomo, foi o responsável pelo planejamento desses assuntos pertinentes aos planos regionais e urbanísticos. A ecologia, ciência ainda pouco difundida no Brasil dos anos 1950, era a disciplina tratada em palestras semanais no escritório, conduzidas por ele. À frente de uma dezena de auxiliares, Segadas Vianna passou a ocupar progressivamente espaços do escritório.

Entre os colaboradores dos planos regionais e urbanos, Vinícius Fonseca e Jorge Chmielewski eram responsáveis respectivamente pelos planejamentos econômico e financeiro de sustentação das propostas. Mesmo nos projetos mais inovadores os Roberto procuravam respeitar limites factíveis, um compromisso entre a utopia e a realidade que os obrigou a se dedicarem aos assuntos econômicos e financeiros. Da mesma forma que nos projetos arquitetônicos, havia, nos planos regionais e urbanos, o compromisso permanente com o mercado imobiliário, sendo uma parte considerável dos clientes relacionada com a iniciativa privada. Não havia lugar no escritório para os devaneios inseqüentes e nem para empreendimentos apoiados por verbas irresponsáveis.

## **Conclusão**

O estudo da obra dos Roberto permite afirmar que a permanência da qualidade de suas realizações decorre, principalmente, de uma rotina de trabalho. Baseia-se nas capacidades de análise e de síntese, e na eficiência de uma equipe dirigida por eles.

A inexistência de escritos organizados, dada a opção pelo fazer, dificulta o entendimento da forma de pensar dos irmãos, e deixa lacunas na compreensão do valor de suas realizações. Resta, pelo

---

<sup>13</sup> Informação verbal – depoimento de Márcio Roberto, 18/9/2002, (registro sonoro em fita cassete).

estudo dos fatos, poucos textos, testemunhos, desenhos e construções, a proposição do papel do escritório na história recente da arquitetura no Brasil.

Tendo sido uma organização atuante desde o início do Movimento Moderno, relativamente distantes de seus colegas que participaram do projeto do Ministério, reputo a ela certa independência, daquilo que se considera fenômeno, o ocorrido com os jovens arquitetos brasileiros. A idéia de fenômeno pressupõe fato passageiro, produzido por força externa.

Pensando dessa forma, não podemos considerar que, contrariamente, a continuidade, presente na própria carreira dos Roberto, possa advir de uma continuidade maior, que ainda se pode recuperar, do saber construir presente, de forma atávica, na própria sociedade brasileira.

Ou será que ainda esperamos que, no futuro o estrangeiro venha nos inspirar?

## Referências bibliográficas

AKIER, Mary, “Arquitetura, função do tempo e do lugar”, Entrevista com Marcelo Roberto, *Jornal do Brasil*, 24 de junho de 1956.

BRITTO, Alfredo, “O espírito carioca na arquitetura, MM Roberto”, *AU, Arquitetura e Urbanismo*, n. 52, fevereiro/março de 1994, p. 67-78.

COMAS, Carlos Eduardo Dias, Précisions brésiliennes, Sur un état passé de l'architecture et l'urbanisme modernes, d'après les projets et les oeuvres de Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, MMM Roberto, Affonso Reidy, Jorge Moreira & CIE., 1936-45, Thèse à l'Université Paris VIII, Vincennes, Saint Denis, sous la direction de Philippe Panerai, Paris, 2002.

“Edifício da ABI”, *Arquitetura e Urbanismo*, n. 5-6, setembro/dezembro de 1940, p. 261-278.

GOODWIN, Philip, Brazil Builds, Architecture New and Old, 1652-1942, New York, MoMA-NY, 1943.

Informação verbal – depoimento de Alfredo Britto, 30/10/2002, (registro sonoro em fita cassete).

Informação verbal – depoimento de Márcio Roberto, 18/9/2002. (registro sonoro em fita cassete)

Informação verbal – depoimento de Munira Nahid, 11/01/2006. (registro sonoro em fita cassete)

MARTINS, Carlos Ferreira, “A construção da narrativa na historiografia da arquitetura moderna brasileira”, in : REVISTA PÓS, *O Estudo da História na Formação do arquiteto*, número especial 1, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1995, p. 91-95.

MMM ROBERTO, “Carta a Congressistas”, Arquivo M Roberto, 10 de setembro de 1956. (documento de arquivo)

ROBERTO, Marcelo, “Arquitetura e a luta pela vida”, Conferência proferida na ENBA, Arquivo M Roberto, 1940. (documento de arquivo)

ROBERTO, Marcelo, “Está acabando a incompreensão”, *Arquitetura e Urbanismo*, n. 6, novembro/dezembro de 1937, p. 323-324.

ROBERTO, Milton, “Texto para a Revista L'Architecture d'Aujourd'hui”, Arquivo M Roberto, 1 de julho de 1952. (documento de arquivo)

SANTOS, Paulo, “Marcelo Roberto - II”, *Arquitetura*, n. 38, agosto de 1965, p. 8-18.

SILVA, Hélio Brasil Corrêa da, *Talento, audácia e juventude (Arquitetura moderna carioca 1930-1960), como se explica a extraordinária quantidade de obras arquitetônicas realizadas no modernismo (período de 1930 a 1945) carioca e nelas a participação de arquitetos tão jovens*, julho de 2000. (documento de arquivo)

SOUZA, Luiz Felipe Machado Coelho de, “Les freres Roberto, architectes: bâtiments d'habitat

collectif construits à Rio de Janeiro, 1945-1969", Thèse à l'Université Paris I, Panthéon-Sorbonne, sous la direction de Gérard Monnier, Paris, 2006.